



*Eduardo Prado Coelho*

## O reencontro

PODE-SE emburrar com a personagem, pode-se achar que algumas intervenções na área política não foram acertadas, pode-se supor que certos conflitos poderiam ter sido evitados, mas dificilmente se pode negar que a política cultural portuguesa se alterou radicalmente com Manuel Maria Carrilho. Daqui que o encontro para balanço que teve lugar no Centro Cultural de Belém tenha tido o sabor de um reencontro. Muitos dos que ali estavam — e o seu número, qualidade e diversidade foram manifestamente impressionantes — tinham por diversas vezes discordado de Carrilho, nalguns casos tinham-no criticado abertamente, noutros tinham-se afastado, mas, na hora de balanço, quiseram exprimir o seu reconhecimento (o que quase criou uma atmosfera de unanimismo que nada tinha a ver com o pedido de debate aberto que o ministro formulara) e sobretudo dizer que a política cultural conduzida pelo Governo socialista não deverá ser alterada ou desfigurada, mas, sim, prosseguida, amplificada, reforçada.

Daí a presença de pessoas tão diferentes, e tão acima de qualquer suspeita, como José Mattoso ou Luís Miguel Cintra, Maria Velho da Costa ou Pedro Cabrita Reis, João Mário Grito ou Gastão Cruz, José Afonso Furtado ou Maria João Seixas.

Goste-se ou não do ministro, temos de reconhecer que há hoje o que nunca tinha existido. Há um Ministério da Cultura a funcionar, arquitectado com clareza e nitidez. Há uma consciência muito forte de que uma política cultural não é um conjunto de emoções mais ou menos generosas, mas um sector que implica um conhecimento profundo da especificidade dos problemas, nas suas dimensões não apenas técnicas, mas também económicas, sociais ou jurídicas. Há também a ideia muito vincada de que uma política socialista da cultura não é uma política qualquer, é uma dimensão essencial de um projecto socialista. Há um sentido de identidade não fossilizada, de modernidade aberta e inovadora, e ao mesmo tempo uma lúcida apreensão do modo como as indústrias culturais condicionam a criatividade cultural. E há um ministro da Cultura que é hoje um ministro de prestígio europeu, informado, culto (o que não é tão frequente como isso!) e capaz de defender um pensamento próprio a partir de uma experiência pessoal extremamente rica.

Nem sempre é fácil defender Manuel Maria Carrilho (reconhecamos que por vezes ele não ajuda). Mas convém que se diga o essencial: o que lhe devem, não apenas a cultura portuguesa, mas o socialismo em Portugal. ■